

CONSIDERAÇÕES AO ACASO

de CORREIA DE SOUSA

Para alguns naturalistas e filósofos a guerra é a expressão fundamental da sociedade. Condenada por todas as leis, a teoria vê destruídos todos os seus fundamentos, ficando como confirmação da judiciosa sentença da sabedoria paleolítica a soberania atávica do instinto. Todas as guerras que precederam a nossa idade e as que de Cristo até nós entregam seus pergaminhos ao arquivista historiador, estão justificadas por leis de realidade indiscutível, por variadíssimos fundamentos, segundo aquela teoria. Entre esses, são basilares: a civilização é filha da luta, a Terra é um espaço limitado, as riquezas são limitadas, a demografia, nas partes natalidade e mortalidade, não tem espaço limitado devido ao muito maior número dos que podem nascer em relação aos que morrem. Conclusão: não há lugar para tanto filho dos cálculos—e as guerras resolvem o problema.

A lei bíblica, «crescei e multiplicai-vos» é destruída, atentando-se contra o fundamento dos fundamentos da Génesis, embora as suas leis sagradas dirigissem o espírito do mundo, incluindo, é claro, os ímpios teóricos. Fora daquela solução, só uma alteração cósmica providenciaria agregando ao nosso outros planetas, igualmente habitáveis, alargando o espaço até satisfazer a fantasia dos números...

Matheus, menos ambicioso, mais humano e menos ímpio, amigo dessa coisa difícil chamada simplicidade, subordina a resolução ao espaço herdado, regrando e racionalizando a lei sagrada e o «Ama e faz o que quizeres» de S. Paulo, perfilhado por Lutero... Ficaram abertas as portas às modernas ciências eugénicas—que por uma questão de factores morais e psicológicos contraditórios nunca tiveram pais nem professores por agentes. Uma teoria científica constata os fenómenos, apresentando as suas consequências; outra a vem completar, estudando as soluções práticas. Todos os ramos de saber se justificando e medindo o seu pelo mérito social, são essas soluções que tornam a Ciência crêdora da colmeia humana. Mas sucede com a eugenia o que acontece com todas as teorias e doutrinas científicas: o mérito social fica confinado aos sacrifícios

e glória, nem sempre alcançada, dos teóricos e doutrinadores.

Os modernos postulados pedagógicos estabelecem que «todo o progresso é feito de diferenciações e de concentrações». Dando ouvidos a este conceito e traduzindo progresso pelo evoluir, num sentido humano e socialmente útil, de todas as manifestações de actividade humana, os princípios científicos em que o progresso se fundamenta e desenvolve seriam as leis, aplicadas na sua extensão, praticamente orientadoras da vida, prolongada tempo e espaço além.

Há um expoente de progresso científico teórico, depositado na cabeça dos cientistas ou no papel, cujo interesse para a humanidade sofredora não representa uma reduzida parcela da soma do progresso científico praticamente aplicado. A missão do cientista não vai até à execução prática dos seus princípios. Essa função cabe aos comandos da orgânica social. São os intérpretes e executores das leis da Ciência, cuja aplicação fica sujeita à sabedoria de função fazendo o órgão; como geralmente sucede ao cientista quando do campo científico se desloca para o campo da execução política—em consequência de factores cuja explanação nos levaria muito longe.

Em virtude dos fundamentos da função e do órgão e da consolidação da hipertrofia e domínio deste em todo o âmbito executivo dos progressos científicos, só a descrença restaria se as leis da evolução não estivessem muito distantes, muito acima da vontade e caprichos humanos ditados pela função. Há um espaço entre o cientista e a aplicação prática dos seus princípios. A esse espaço corresponde uma função executiva que, em vez de contrariar, auxilia as leis da evolução. Assim como uma teoria tem o seu complemento, e cuja existência se justifica pela realização do ser moral.

Em regra o cientista contenta-se em expor em linguagem de entrega, despreocupado do fim reservado aos seus princípios, como se nada devesse à sociedade e como se a

Ciência tivesse o seu mundo fora da esfera social ou fosse objecto de utilidade mais expositiva do que matéria solucionadora dos problemas vitais. Quasi realiza milagres. No entanto, não se lembra de fazer o que faz qualquer gata quando perde o filho: procura-o, quer saber que destino levou, por onde anda, o que lhe fizeram; mia, salta, enfurece-se. Educa-o, orienta-o na vida com o seu saber, a sua experiência. A Ciência deve ser o filho mais querido do cientista, a sua mais preciosa riqueza—se é aplicada ao fim social a que se destina. Todos os indivíduos velam pelos seus haveres. O próprio cientista perde tempo à procura do mais insignificante objecto perdido. Como cientista, passa uma vida inteira a trabalhar, em função apenas exportadora, sem ir saber se toda ou parte da sua ciência se perdeu ou em que medida e como é aplicada a sua produção.

O sistema de fiscalização da riqueza científica é um invento ainda desconhecido. Existe como função técnica exercida nos restritos limites individuais e de classe, com apelo num direito doseador do património científico e defensivo de posições adquiridas, regime em que as gerações se multiplicam.

O homem, com as suas prodigiosas faculdades criadoras, atraído pelo ignorado, vive na preocupação de enriquecer os seus conhecimentos técnicos e científicos, seja com o fim de sacar deles maior proveito individual ou de classe, seja guiado pela superior ideia de servir a colectividade social.

Aprofunda os ramos de saber mais delicados, soluciona os problemas mais complexos, constrói os maquinismos mais complicados, faz descobertas que deixam o mundo em dúvida e dá à luz esses partos de inventos que são assombrosas maravilhas da Ciência e da Técnica. Os povos, espectadores insatisfeitos desse grandioso filme Progresso, acolhem com delírio, vibram de entusiasmo, numa apoteose por esses milagres do génio humano e dando com a sua ingénua alegria a glória aos criadores.

As novidades passam uma após outra, os dias decorrem, as noites multiplicam-se, os anos sucedem-se, os séculos

dobram—os entusiasmos esfriam, a indiferença traduz fadiga, desilusão. Mas no fundo de cada alma fica sempre uma esperança de novas descobertas, novos inventos, novas conquistas que satisfaçam naturais inquietações e justas ambições. E numa passividade confiante, a gerações sucedem gerações até que o génio criador traga, de progresso em progresso e preenchendo o seu fim social, a solução suavizadora da vida e orientadora de todos os espíritos.

As fórmulas sociais de exploração, repartição e consumo das riquezas constituem hoje a preocupação dominante de teóricos, doutrinadores e estadistas, cada um encarando as soluções segundo seus crendos, conceitos e meios de que dispõe. A evolução prática dessas fórmulas depende da engrenagem que concentra todas as forças executivas da movimentação disciplinada das actividades criadoras, qualquer que seja o sistema orgânico social.

As modernas concepções apresentam a Técnica como solução, aplicada como força criadora e directiva de todas as actividades. Técnica significa hoje não apenas essa força superior directiva, mas também aquela força coordenadora e executiva que é função do Estado.

Sempre as denominações foram necessárias, mas na verdade elas só valem pelos resultados. Trate-se de estatização da Técnica ou da técnicação do Estado, o certo é que a consolidação das evolutivas conquistas em todos os tempos exigiram e exigirão o tributo das capacidades orientadoras em função de preparação de cérebros, por forma que a evolução prática generalize, tanto quanto possível, a aplicação da Ciência à esfera social e não se limite a uma função executiva dominando em hipertrofia orgânica o todo sujeito ao órgão estatizador da Técnica accionando fora da humana e geral aplicação dos progressos científicos do tempo.

Ciência sem os devidos resultados práticos—há séculos sobra.